

NÓS DA VIDA

POEMAS ANOS 80



FRANCISCO SANTOS

© Copyright 2019 by Francisco Santos

Todos os direitos desta edição reservados ao autor. Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio ou processo, com finalidade de comercialização ou aproveitamento de lucro ou vantagens, com observância da Lei de regência. Poderá ser reproduzido texto, entre aspas, desde que haja clara menção do nome do autor, título da obra, edição e paginação. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Diagramação

Joselito Miranda

Editoração

Editora ArtNer Comunicação

Capa

Roseilde Reis

Antônio Cruz (concepção)

Revisão

Lidia Melo

Impressão

Infographics

Printed in Brazil / Impresso no Brasil

Ficha Catalográfica

Santos, Francisco.

S237n

Nós da vida: poemas anos 80. /Francisco Santos.

- Aracaju: ArtNer Comunicação, 2019.

64p.

ISBN: 978-85-69567-44-8

1. Literatura Sergipana- Poesias

2. Poesias Sergipanas

I - Título

CDU: 821.134.3(813.7) -1

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária: Jane Guimarães Vasconcelos Santos CRB-5/975

Editora ArtNer Comunicação

Tel.: (79) 99131-7653 · 3043-1744 · joselitomkt@hotmail.com

<http://artner.com.br/>

FRANCISCO SANTOS

NÓS DA VIDA

POEMAS ANOS 80

Aracaju-SE



2019



só é poeta quem sabe cantar...

“só é cantador
quem traz no peito
o cheiro e a dor de sua terra,
a marca de sangue de seus mortos
e a certeza de luta de seus vivos...”

François Silvestre

Eu canto
o canto
porque o canto
se canta

Se eu não canto...
quem canta?

Os nós da vida

Mais de trinta anos se passaram do tempo que escrevi esses versos. A poesia sempre viveu em mim, desde os meus 18 anos, quando comecei a sentir poesia, a ler Drummond e receber nas veias os primeiros goles de inspiração.

Nos anos setenta do século passado, comecei a juntar os primeiros poemas e participar de saraus, concursos, festivais, etc. Em 1974, publiquei o meu primeiro trabalho, *Laranjeiras em Versos*, obra em Cordel com ilustração do artista plástico Veto, editado pelo GRFACACA. Em 1976 fui ganhador do Troféu Atalaia do VII Concurso de Poesia Falada do Norte e Nordeste e segundo colocado no I Concurso de Contos de Sergipe em Aracaju.

No início dos anos oitenta, reuni alguns poemas da década anterior e publiquei no livro *Poemas Sub/Versivos*, com prefácio do professor José Costa Almeida e edição da Unigráfica, a gráfica da Universidade Federal de Sergipe. Particpei ainda de uma coletânea intitulada *Pacote de Poesia*, da Cooperativa de Poetas de Sergipe – Coopoesia, da qual fui membro e particpei de vários Saraus.

Com a intensificação da minha militância política e sindical foi ficando a **militância poética** em segundo plano, mas a vivência com a poesia nunca abandonei. Sempre que vinha a inspiração, o poema saía da cabeça,

às vezes da alma, e ia para o papel... Daí para as pastas, e são inúmeras delas.

Ao ingressar no século XXI resolvi juntar alguns poemas dos anos 80 para publicação. O artista plástico Antônio da Cruz logo providenciou a capa: era *Nós da Vida*. Mas, ao assumir a Presidência da FUNCAJU, na gestão do companheiro Prefeito Marcelo Déda; os dois mandatos de vereador da Capital nas gestões seguintes; a Secretaria Estado de Articulação Política e Relações Institucionais no governo Marcelo Deda, fui adiando a publicação do livro.

Agora, ao retorno da militância poética e depois de ingressar no Movimento Cultural Antônio Garcia Filho - MAC, da Academia Sergipana de Letras e de criar, com outros companheiros, a Academia Aquidabaense de Letras, Cultura e Arte – AALCA, finalmente entrego *Nós da Vida* e espero que saibamos sempre desatar os nós das nossas vidas.

Francisco Santos

A poesia em hibernação

*“Hoje
sou
do tamanho do mundo
das coisas que vivo
que sinto e que amo”*

João Francisco dos Santos (Chico Buchinho)

Um dos mais intrigantes livros da Bíblia, o Eclesiastes, ensina-nos que tudo tem seu tempo e há tempo para todo o propósito debaixo do céu. Às vezes as coisas podem acontecer ou já aconteceram, mas necessitam do tempo para serem descobertas ou reveladas.

Conheço Chico Buchinho do perder dos anos, diria dos tempos imemoriais. Já são tantos que nem recordo quando o conheci, é como os irmãos que já o conhecemos desde o sempre. Mas foi lá, nos anos 80 que João Francisco dos Santos, o Chico Buchinho, nos revelou tantas coisas. Foi líder estudantil do pensamento libertário de uma geração de grandes: Marcelo Déda, Clímaco César, Joel Silva, Milson Barreto, Chico Mocê, Álvaro Vilela, Alcides Melo, Bel Barreto, Joanelice (Boneca), Bosco Mendonça, Genival Nunes, Serginho Carvalho, Milton Alves, Toinho Vieira, Edvaldo Nogueira,

José Luiz, Antonio Samarone, Marcelinho Barreto, os irmãos Amaral (Antonio, Lindolfo e Zé), Claudio Miguel, Virginia Lúcia, Vera Vilar, Marcia Barreto (Bel), Paulão e tantos outros. Foi a geração da resistência, sonhadora, da luta. E a luta se fazia de diversas formas, sobretudo na palavra que às vezes aparecia em forma de versos outras em forma de canção.

Daqueles anos difíceis, onde a luta pela anistia era a chave para abrir a porta do Brasil e trazer de volta tantos que partiram “num rabo de foguete” certamente abriram tantas outras portas, principalmente a porta da democracia... tempos difíceis, onde até a palavra era necessariamente contida ou rarefeita para poder, no gingado do poeta ou na metáfora do compositor, driblar a mediocridade que se corporificava na ignomínia nos censores.

Pois foi naqueles anos que João Francisco dos Santos fez sua luta nas pelepas estudantis, mas também na palavra, a palavra-poema. Não temeu, em pleno regime militar escrever e publicar *Poemas Sub/Versivos*, já no título o jogo de palavras que versava e subvertia. Fora a poesia contundente, da cor do sangue, oração de estudante, que já denunciava golpes e pacotes... lá, naqueles longínquos e efervescentes anos, já preconizava os alienados filhos da ditadura: “Desempregado/faminto/marginal (Alfa-Batizado/Estudante/Minerva e Mobral) Gosta de festa/Futebol e carnaval”. Eram os filhos alienados do partido aliado

aos militares donos do poder... era preciso subverter a ordem.

Daqueles anos, como nesses, a culpa estava como sempre nos desvalidos: a fome, o negro, a mulher, o índio, o desemprego, o padre, o marginal, o homossexual, a arte, o estudante, o trabalhador, todos elencados no poema final do livro eram os arautos da subversão. Mas se o livro poema era também o livro denúncia o poeta Chico, sem medo nem arremedo encerrou o livro lembrando que a fome, a discriminação, o desemprego, o assassinato do índio, a censura eram obra da elite que persiste em manter um país degradado.

Depois de lançar *Poemas Sub/Versivos* o poeta sumiu e deu lugar ao líder político, ao funcionário público, ao gestor da cultura. Os anos passaram, a democracia raiou, mas também a ameaça aos tempos de arbítrio voltou. E eis que Francisco Santos, do fundo do baú, retira seus *Nós da Vida* e nos apresenta uma deliciosa coletânea de poesias que estavam em estado de hibernação. Foram poemas construídos ainda naqueles anos 80, ora na solidão da casa, nas viagens, ou mesmo coletivamente em mesas de bares. Veio-me como um daqueles compactos simples que impactavam na música. São versos que ainda ressoam o reverso da poesia concreta, com ritmo e plasticidade. Bom de nos fazer presos à leitura sem querer se levantar para não perder o fio da poesia, nos faz remeter aos filmes de curta metragem, condensados, mas profundos. Se

fosse fazer um paralelo na literatura certamente nos remeteria aos contos que nos prende até a última palavra. Ler não em doses homeopáticas, embora essas abrem o livro, mas numa só sentada. Há a louvação ao gênio de Caetano Veloso, a poesia que veio da angústia, uma canção para Gleide nessa hora, a importância de ser mulher, sonhando com a liberdade, a transição que se esperava no Brasil daqueles anos ditos de chumbo, a paz do Líbano, e até o amor de homem que ama homem e não faz lobisomem, coragem de dizer do amor homoafetivo naqueles anos onde o preconceito campeava muito mais que nos tempos de agora, para encerrar com o trocadilho de quando não há mais hamor, assim mesmo, com “h” donde o amor com humor, ainda que uma rima, certamente nos dias atuais de tanto ódio seria uma solução.

Mas a poesia de Chico Buchinho não é de agora. Foram poemas feitos há mais de trinta anos, para gritar. E, ao invés de gritar, ficou escondida num baú, como um grito parado no ar. A rigor, foi a poesia que hibernou, aparentemente esquecida como se o poeta fosse o bardo de um só livro. Um dia, destes de agora, Chico percebeu que a poesia para acontecer não tem hora. E como um escafandrista de si mesmo mergulhou nele próprio e foi até o baú do esquecimento. Lá, hibernado por mais de 30 anos, estavam aqueles poemas que, aparentemente dizendo do ontem, como um profeta do passado, continuam atuais.

Se o Brasil mudou também se anuncia o eterno retorno nietzschiano onde entulhos daqueles anos pensavam-se estarem trancados no baú da vergonha, retornam agora nas redes sociais, lastimavelmente. Chico tirou seus poemas do estado de hibernação, aparentemente letárgico, para mais uma vez nos brindar com a sua palavra segura, às vezes lírica, às vezes crua, ritmada, bela, que denuncia e acaricia. São versos que trazem um pouco da poesia concreta dos anos 50, a poesia eclética dos anos 70, ou ainda a rima cadenciada como em “se não fosse você”, onde os três primeiros versos rimam entre si e sempre o último repete em todas as estrofes a mesma rima da primeira, num emaranhado rítmico e harmonioso.

Como no *Eclesiastes*, houve o tempo de plantar, o tempo da hibernação, mas chegou o tempo de arrancar o que se plantou e não há coisa melhor do que alegrar-se o homem nas suas obras, porque essa é a sua porção. Porção que agora é nossa a partir da publicação de *Nós da Vida* devidamente desatados. Vale a pena a leitura!

Luiz Eduardo Oliva

Agradecimentos

Esse *Nós da Vida* é dedicado a todos os companheiros das lutas dos anos 80, em especial aqueles que mudaram para o plano espiritual: Marcelo Déda Chagas, José Eduardo Dutra, Luiz Alberto dos Santos, Diomedes Santos da Silva, Cícero dos Santos (Casagrande), Severino Bispo, Francisco de Paula (Chico Mocó), Alberto de Castro Vieira (Paulista de Propriá), Abrão Crispim de Souza, Djenal Nobre, Gilvan Melo e Zé Amaral.

Para Seu João Pereira e D. Maria Azélia (*In memoriam*) que nos deu a luz.

E aos meus tios Wilson e Nair Melo (*In memoriam*), pelo apoio incondicional.

Ao mano e manas Vera Lucia, Ana Meire, Jozelia, Naria Virginia, Liana Angélica, Manuel Messias e Maria Célia (*In memoriam*).

Aos filhos Joana Silva, Danilo Santos e Rose Maia.

Aos netos Beatriz, John Marlon e Ana Clara.

A minha esposa Ivanda Santos, o grande amor da minha vida, companheira inseparável de todas as horas.

Aos amigos Luiz Eduardo Oliva pelo prefácio, Antonio da Cruz pela concepção da capa e a prima Lidia Melo pela revisão.

Sumário

Apresentação: Os nós da vida	7
Prefácio: A poesia em hibernação	9
Agradecimentos	15
caetano	19
por teus	21
eu quero viver	22
Índio postal	23
Sidade sim	25
do meu tamanho	26
SER	28
Poema que veio de uma angústia	30
Dose HomeoPútica	31
Canção para Gleide nessa hora	32
sem olhar	33
só dois	34
ser mulher	35
igual a mim	36
viver no fim	37
ve no seu lugar	38
sonhando a liberdade	39
Corpo e jeito	40

se não fosse você	41
USA	43
o outro	44
quem ama	45
transição	47
Bate papo tremendamente poético numa mesa do Cacique Chá	48
Brotar, e daí?	49
lindo longo louco	50
o poeta	51
coração galinha	53
um dia	54
Amor de homem	55
amanhecendo	57
Iracema	58
yellow socialismo	59
Quando não há mais amor	61

caetano

um menino navega
no som do Brasil
um ano cae
cai também os braços
o corpo som
e a vontade de ser feliz
cai regimes
e fica o moço

tá no ânus
na flecha do índio
no afoxé da Bahia
no ritmo de Mick Jagger
na palavra de Pessoa

vence o poeta
da lua e dos passos
na sombra da arte
no orifício da parte
no sucesso sem sucessão

a luz do show clareia
eta bicho bom
os quadris odara
uma visão tão clara
“preto com um buraco no meio”

um homem busca
a imagem sua
a mulher nua
a mesma juventude
o calor da força
a tritura do norte
a voz brasil

cae no ta
ta no eca
eca no ta
ta cae ano / êta Caetano!

por teus

calo porque te quero
se queres de mim só corpo
eu busco nos teus olhos o teu ventre
e desço até a sola dos teus pecados

clamo porque te amo
se desejas de mim a boca
eu traço o perfil dos teus seios
e subo até o pico dos teus cabelos

claro porque teu corpo
se junta em mim moreno
eu laço meu braço no teu pescoço
e puxo até o sono dos teus gemidos

colo porque te vejo
se dormes em mim teu filho
eu deito meu peito nos teus acordes
e acordo até no sono dos teus segredos

eu quero viver

eu quero viver
com você
como o prazer
com o prazer
de viver
com você